

# A crítica de Nietzsche à compaixão nas obras *Aurora* e *Gaia Ciência*

## Nietzsche's critique of compassion in the works *Aurora* and *Gaia Science*

GUILHERME BOLLMANN<sup>1</sup>

**Resumo:** Este artigo busca investigar a ideia de compaixão dentro da obra nietzschiana em especial nos livros: *Aurora* e *Gaia Ciência*, se baseando em reflexões do autor dentro destes textos e utilizando-se de outras obras para esclarecimento da ideia e da subjetividade por trás dela. Ainda, neste artigo, tentaremos responder a pergunta: É possível dizer que a compaixão em Nietzsche é egoísmo disfarçado de altruísmo? Para isso são abordados outros autores que complementam a discussão. O presente texto busca encontrar as semelhanças e o desenvolvimento dessa ideia acompanhada da ideia de egoísmo, e pretende-se encontrar como a compaixão aparece como autopromoção dentro da obra nietzschiana.

**Palavras-chave:** Compaixão. Nietzsche. Egoísmo.

**Abstract:** The present article seeks the investigation of the concept called “compassion” inside the Nietzsche’s work, especially on the books: “*Daybreak* and *The Gay Science*”, taking base on thoughts from the author in these books and making use from others to enlightenment of ideas and the subjectivity behind it. Still in this paper, we will try to answer the question: Is it possible to say that compassion in Nietzsche is egoism disguised as altruism? To answer that, it will also be approached other authors to complement the discussion. The present article, searches the similarities and the development from the idea of compassion with the idea of egoism, and it intends to find how the compassion becomes auto promotion inside Nietzsche’s work.

**Keywords:** Compassion. Nietzsche. Egoism.

### Introdução

Existem poucos homens que mudaram a história do pensamento, e podemos arriscar afirmar que um deles foi Friedrich Nietzsche (1844-1900). Sua interpretação de alguns valores e fundamentos da história da filosofia corroe e revelou, em função da acidez da sua crítica, aquilo que estava por baixo da moral, da religião e até da arte de sua época. Até mesmo uma pessoa cujo interesse pela filosofia seja ainda pequeno deve conhecê-lo, seja com máximas popularizadas como “o que não me mata me fortalece” ou “a vida sem a música seria um erro”, seja com seus pensamentos profundos da vontade de potência. Nosso estudo será um aprofundamento no subsolo das máximas desse grande autor.

O presente texto tem como objetivo estudar a ideia de compaixão<sup>2</sup> em Nietzsche, em específico nas obras *Aurora* e *A Gaia Ciência*, consideradas

---

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Graduação em Filosofia pela UNESPAR. E-mail: guilhermebollmann5@gmail.com.

<sup>2</sup> Entrando em nosso tema escolhido, a compaixão, analisamos a sua origem etimológica: a palavra deriva do latim “*compassio*”, ou, do alemão, como Nietzsche tratava: “*Mitleid*” ou também “*Mitleiden*”, essa palavra significa “sofrer com”. Seria o entender o sofrimento, poder se colocar no

comumente entre pesquisadores do pensamento de Nietzsche como pertencentes à segunda fase de seu pensamento<sup>3</sup>, que tem em comum o estudo sobre a moral<sup>4</sup>. Para este estudo, quando julgarmos pertinente e adequado, nos valeremos também de apontamentos de outras obras complementares para esta discussão, tais como, *Crepúsculo dos Ídolos*, *Ecce Homo*, *Assim Falava Zaratustra* entre outros. Encontramos em nosso estudo particularidades que denunciarão de que modo a compaixão (como sentimento altruísta que deveria ser) transforma-se em máscara para outras intenções, tais como paixões escondidas, egoísmo e negação de si.

Nietzsche foi filho de pastores, formou-se em filologia e lecionou na Universidade da Basileia, na Suíça. Conhecido por ser um filósofo crítico dos valores ocidentais, das filosofias pessimistas e da tradição metafísica do ocidente, escrevia com o intuito de contestar o privilégio dos valores absolutos, enquanto questionava valores como “bem e mal”. De uma forma geral, podemos dizer que ele foi um filósofo que privilegiou uma investigação de origem e formas das palavras, que constituem inclusive parte de sua argumentação, além de usar diferentes formas de exposição de ideias na sua escrita, em especial o aforismo<sup>5</sup>.

Considerando que Nietzsche foi um professor de filologia, a investigação etimológica o acompanhou na sua filosofia, sendo o seu livro *A Genealogia da Moral* um exemplo do uso e da importância da etimologia na sua filosofia. Sobre o aforismo, Nietzsche escreve em *Crepúsculo dos Ídolos*, na parte intitulada *o que os alemães estão na iminência de perder* §51: “[...] O aforismo, é uma forma de eternidade, minha ambição é dizer em dez frases o que qualquer outro diz em um livro – o que qualquer outro não diz em um livro”. (NIETZSCHE, 2001, p. 94-95). É relevante dizer isso porque as duas obras que trabalhamos neste texto foram compostas majoritariamente em aforismos.

75

---

lugar da outra pessoa, encontrar um sentimento altruísta dentro de si e diminuir a dor do próximo utilizando-se da empatia. Por isso, poderíamos até pensar que o compassivo é cheio de bondade, por ser essa pessoa que carrega a paixão pelo próximo às vezes até esquecendo-se de si.

<sup>3</sup> Para tal apontamento foi utilizado a obra *Nietzsche, das Forças Cósmicas aos Valores Humanos* de Scarlet Marton.

<sup>4</sup> O tema compaixão foi tratado na antiguidade por Aristóteles, na *Poética*. Lá, a compaixão seria o que ocorre quando algo trágico acontece entre “pessoas unidas por afeição, por exemplo, quando um irmão mata irmão, ou filho o pai”. Isto é, sentimos dó quando vemos situações trágicas entre aqueles que são próximos. Caberia, portanto, à tragédia trazer esse sentimento de empatia. De todo modo, lembramos que a obra de Aristóteles não trata de ética ou moral, mas, apenas, descreve um sentimento que é empregado nas tragédias. Mais tarde, na modernidade, Kant (2007, p 28), na *Fundamentação da Metafísica dos Costumes*, afirmará que ser compassivo por gosto, não detém nenhum valor moral. Porém, como isso é benéfico, caso seja estimulado, já quando se é compassivo mesmo sem ser tocado pela desgraça alheia, isso sim possui valor moral. Enfim, na antiguidade, a compaixão não possuía um valor moral, diferente da modernidade. A quem interessar, poderá procurar nestas obras um ponto de vista diferente.

<sup>5</sup> O aforismo define-se como um tipo de texto curto que, em poucas palavras, expressa algo, um pensamento.

Ele adotara a forma de escrita através dos aforismos já ciente que este método de escrita é de difícil compreensão, sendo necessária a “arte de interpretar”, e ainda deixando a sua marca como crítico da filosofia ocidental, resgatando uma forma de interpretação que teria sido perdida pelos alemães, então de certo modo, além do conteúdo de seus trabalhos, seu estilo também era uma forma de crítica.

Ao ler Nietzsche, é válido observar que a compaixão por ele abordada e criticada nas obras selecionadas (a saber: *Aurora* e *Gaia ciência*) é a pregada pela moral judaico-cristã. Em *Assim Falava Zaratustra*, na parte intitulada “Do amor ao próximo”, ele escreve: “[...] Convidais uma testemunha quando quereis falar bem de vós; tendo-a seduzido a pensar bem de vós, vós mesmos pensai bem de vós” (NIETZSCHE, 2015, p. 80). Esta é a direção pela qual nossa pesquisa pretendeu seguir, entendendo como a “compaixão” se dá como forma de autopromoção dentro da obra nietzschiana entendendo assim a sua dualidade.

Antes de partir para a crítica da compaixão cristã presente nas obras que iremos comentar a fundo é importante salientar que Nietzsche também abordou a compaixão com outras perspectivas, em sua terceira fase de pensamento o autor afirmou um tipo positivo de compaixão, em *Assim Falava Zaratustra*<sup>6</sup> e *Além do Bem e do Mal*<sup>7</sup> ele comenta sobre a compaixão do nobre e a compaixão através da amizade, podemos notar que não é o viés que este trabalho pretende analisar, mas o leitor deve ter em vista que Nietzsche possui mais de um ponto de vista sobre esse conceito.

Assim como a compaixão, o egoísmo também tem interpretações diferentes dentro do pensamento do autor (principalmente na sua terceira fase), que apresenta uma visão que pode ser interpretada como negativa em relação ao egoísmo, o que pode ser encontrado em *Assim Falava Zaratustra*<sup>8</sup>.

### **Nietzsche e a compaixão**

A pergunta que pretendo fazer com esse artigo é: não seria a compaixão uma máscara para esses sentimentos ocultos? *There's no free lunch*, ou seja, podemos desconfiar de todo “almoço grátis”, de todo o “apoio desinteressado” que o ar ruim da compaixão nos traz.

A primeira obra de Nietzsche que iremos analisar será *Aurora*, publicada, pois, em 1881, marcando, ali, uma crítica ao cristianismo e à filosofia de Schopenhauer. O autor indica que aquilo que aprendemos por compaixão não passa de uma forma de tentar afastar o sofrimento, já que não sabemos lidar com ele, como podemos ver na seguinte passagem do aforismo 133:

---

<sup>6</sup> Cf. passagem intitulada “dos compassivos” em *Assim falava Zaratustra*.

<sup>7</sup> Cf. §293 de *Além do Bem e do Mal*.

<sup>8</sup> Cf. *Assim Falava Zaratustra* “Da virtude dadivosa”.

[...] O acidente do outro nos ofende, ele nos provaria nossa impotência, talvez nossa covardia, se não o socorrêssemos. Ou já traz consigo uma diminuição de nossa honra perante os outros ou nós mesmos (NIETZSCHE, 2016, p. 96).

Assim como os acidentes, o sofrimento do outro nos remete à nossa impotência e como nossa própria vida pode ser facilmente encerrada, talvez seja esse um dos motivos para que os sofredores criem o seu céu, pois lhe dá uma crença de continuidade ao pouco que o sofredor acredita poder fazer na terra, além de um sentido para o seu sofrimento. Também nesse aforismo, o autor aponta que, no fundo, pensamos muito em nós, uma vez que pode haver ocasiões quando decidimos não evitar o sofrimento do outro e nos apresentaremos como poderosos auxiliares. Estando, enfim, certos dos aplausos, agimos não por um impulso compassivo, mas por um impulso de prazer, ligado à glória e à gratidão (NIETZSCHE, 2016).

A nossa ação compassiva ou egoísta está relacionada a um modo de realizar um impulso de prazer, isto é, se eu auxiliar alguém, e, talvez for ludibriado, sei que obterei glórias e honras. Se, ainda, eu não oferecer auxílio por ser indiferente, estarei afirmando que sou mais importante para mim do que o próximo é. Então, nosso agir não está ligado diretamente com uma “bondade do coração”, mas sim com o prazer de exercer uma força sob o outro, uma forma de repelir a dor e o sofrimento.

77

O cristianismo busca apresentar a compaixão como máxima moral e ética aos nossos impulsos, “amar o outro como se fosse a nós mesmos”, mas e quando o homem despreza a si mesmo? Repitamos, então, a pergunta que Nietzsche faz no aforismo 79:

Se o nosso Eu, conforme Pascal e o cristianismo, é sempre odiável, como poderíamos suportar e admitir que os outros o amem – Seja Deus ou homem! Seria contrário a toda decência, fazer-se amar sabendo muito bem que merece apenas ódio (NIETZSCHE, 2016, p. 59-60).

Podemos ver que Nietzsche não vê compaixão como um sentimento puro buscando, pois, revelar que há motivos por trás de cada ação desinteressada, isto é, o homem compassivo sempre busca um impulso de prazer baseado no seu egoísmo. A moral da compaixão busca a redenção de si no outro, portanto o outro é apenas um caminho para a minha salvação pessoal. Assim, além de também gerar honras e dívidas através daquilo que faço por ele, de certa forma a moral compassiva também usa o outro como um meio e não como um fim.

Para o autor, ainda no aforismo 133, o homem não compassivo possui uma vaidade menos suscetível à ofensa, a ponto de não se desesperar quando vê o sofrimento do outro e não buscar a glória fácil que se obtém ao afastar a dor que não

lhe pertence. “São uma espécie de egoístas *diferente* dos compassivos” (NIETZSCHE, 2016, p. 98).

Quem, no entanto, é esse homem não compassivo? Para o sofredor (ou o cristão) é o homem “mau”, isto é, aquele egoísta que não busca o prazer em auxiliar alguém em condição de miserabilidade, sendo que aquele que ajuda pelo prazer de ajudar é considerado o “bom”, de grande coração. Então, a religião da compaixão cria a moral e a comunidade dos homens bons. Já aqueles que esquecem de si, espalhando o que o autor vai chamar de “fraqueza”, são os que são tomados por compaixão.

No aforismo 134, o autor afirma que “supondo que ela [a compaixão] predominasse por um só dia, imediatamente pereceria a humanidade” (Nietzsche, 2016, p. 98). Isto porque a compaixão faz crescer o sofrimento, pois o homem não sabe mais sofrer e quando sofre busca auxilia rapidamente para se livrar desse sofrimento. Auxílio rapidamente oferecido por aqueles que buscam a glória fácil e salvam superficialmente<sup>9</sup>, a compaixão não é apenas o sentimento daquele que observa a dor e busca fornecer apoio, mas também afeta o enfermo que não quer sofrer e espera que o seu próximo o ampare, algo que a ideia de “boa consciência” traz ao homem.

Um aspecto apontado pelo autor é que oferecer compaixão equivale a desprezar, isto é, não gostamos de ver o inferior sofrer, pois isso não oferece prazer, apenas o inimigo que encaramos como “o igual” é que gostamos de ver perecer (NIETZSCHE, 2016). Essa compaixão pode ser vista como a do “homem mau” pelos homens compassivos uma vez contaminados pela ideia de boa consciência<sup>10</sup>. O desprezo pelo outro tem como fundamento, em Nietzsche, o desprezo por si mesmo, pois como a moral compassiva ensina que o “Eu é odiável”, podemos apenas oferecer aquilo que temos: mais ódio. Nesse sentido, escreve Oliveira (2010, p. 5):

O desprezo de si impossibilita o amor ao próximo, porque, segundo a moral da compaixão, dever-se-ia olhar o outro como se olha para si mesmo. Ora, quem olha para si mesmo com desprezo, não pode ver o outro a não ser como também desprezível.

O ódio por si é pregado pela moral de forma sublime, indiretamente, pensando que o “Eu” não é tão importante como a comunidade, e que a vida na terra é difícil e infeliz, a busca pela redenção no outro seria o antídoto do seu ódio pela vida. Ora, esses que negam tanto a vida, como podem eles continuar no plano da existência? Afinal, já que a vida é tão infeliz, por que não a encerram? A resposta está

---

<sup>9</sup> Digo nesse ponto superficialmente, pois a dor de cada um não pode ser abordada na totalidade pelo outro, assunto que será retomado em *Gaia Ciência*.

<sup>10</sup> Assunto tratado pelo autor em *Genealogia da Moral*. Em resumo, o autor aponta que o cristianismo criou a ideia de culpa para poder inserir as ideias de boa e má consciência, assim como a ideia de moral.

primeiramente no pecado, um artifício que a religião criou para produzir a boa e má consciência. Não se pode tirar aquilo que Deus deu ao homem, isto é, a vida. Nietzsche, entretanto, também aponta no aforismo 139 que “a compaixão é antídoto para o suicídio” (NIETZSCHE, 2016, p. 100). Ela cria uma espécie de sentimento de poder em pequenas doses que dá prazer ao compassivo durante sua vida mundana. Em função disso, ele se mantém na existência obedecendo ao sacerdote e suas tábulas de valores enquanto recebe pequenas doses de vontade de potência.

Nesse ponto, gostaria de trazer à discussão uma ideia de Nietzsche que aparece como uma prévia à sua interpretação de sujeito. Ele começa a duvidar do que sabemos sobre o “Assim chamado Eu”, como veremos na passagem do aforismo 115.

A linguagem e os preconceitos em que se baseia a linguagem nos criam diversos obstáculos no exame de processos e impulsos interiores: por exemplo, no fato de realmente só haver palavras para graus *superlativos* desses processos e impulsos -; mas estamos acostumados a não mais observar com precisão ali onde faltam as palavras, pois é custoso ali pensar com precisão [...] Raiva, ódio, amor, compaixão, cobiça, conhecimento, alegria, dor – estes são todos nomes para estados *extremos* (NIETZSCHE, 2016, p. 82).

Podemos acompanhar com o autor a sua crítica ao que acreditamos conhecer de nós mesmos. Apenas temos palavras para os impulsos mais extremos e todos os outros impulsos que não conhecemos nos escapam, e “aquilo que achamos que somos; nenhum de nós o é; então *nos conhecemos mal*” (NIETZSCHE, 2016).

Um ponto importante a comentar é que Nietzsche afirma que a compaixão é um impulso de modo que não podemos controlar os impulsos, pois, para o autor, no aforismo 109 até querer combater um impulso é um impulso. Sendo assim, por que a moralização de um impulso compassivo? Como foi demonstrado, tanto o altruísmo como a compaixão tem uma finalidade igual: satisfazer um prazer. Talvez a resposta esteja na *negação do ego*, talvez ainda seja a ideia de que a compaixão seja um remédio ao suicídio, pois aqueles que só desprezam a si mesmos encontram nos outros uma utilidade para a sua vida e uma fonte de prazer.

Um último ponto desta obra que traremos à vista, traremos uma questão que Nietzsche faz no aforismo 137: “Por que duplicar o Eu”? Ver o sofrimento do outro como algo de fora é algo de nosso cotidiano de fácil compreensão, o sofrimento não é nosso. Portanto, não temos profundo conhecimento daquilo que o outro vem a sentir, embora uma “filosofia da compaixão” busca fazer com que eu sinta a dor como se fosse minha. Deste modo, tenho que sofrer duas vezes, uma com o ponto de vista do Eu e outra pelo viés do sofredor (NIETZSCHE, 2016). Se a dor então é duplicada, a compaixão é um impulso nocivo e contraditório, então qual o seu remédio? A resposta de Oliveira (2010, p. 17) é:

[...] recuperando no indivíduo aquilo que é seu, ou seja, não apenas negando uma parte de seus impulsos em função da elevação de outros mais fracos e doentios, mas restituindo-lhe a integridade perdida na moral.

Algo que podemos concluir com o texto de *Aurora* é que a compaixão instaura a negação de si, a busca do outro e também um pequeno sentimento de poder. Portanto, a compaixão age como uma droga cujo vício mantém o homem moral como um dependente do outro, gerando uma comunidade de compassivos que moralizam o impulso que inicialmente parece altruísta. A escapatória da compaixão em *Aurora* seria o retorno do homem a si, voltando a valorar as ações egoístas. Como o próprio Nietzsche escreve no aforismo 148 “Não mais se considerando mau, o homem deixa de sê-lo”. Com a remoção do véu moral, o homem volta a sua identidade egoísta e passa amar a si mesmo novamente. Talvez assim também poderá amar os outros, não apenas como um meio de salvação, mas si como uma finalidade no amor.

Em *Gaia Ciência*, que foi publicada em 1882, veremos como a compaixão é uma forma de exercício de vontade de potência sobre o outro além de mostrar como é bom estar em nossa companhia. Ser compassivo, portanto, pode ser uma forma de engrandecimento do ego. A relação se dá, pois ambas as obras, dizem algo similar: usa-se o altruísmo para mascarar o egoísmo, tratam da compaixão como uma arma do fraco, conforme será demonstrado a seguir.

No aforismo §13 de *Gaia Ciência*, são explicitadas, de maneira clara, as intenções egoístas por trás da compaixão. O autor formula a sua “teoria do sentimento de poder”, que observamos abaixo:

Ao fazer bem e fazer mal a outros, exercitamos neles o nosso poder – é tudo o que queremos nesse caso! [...] Fazemos bem e queremos bem aqueles que já dependem de nós de alguma maneira; queremos aumentar seu poder, pois assim aumentamos o nosso, ou queremos mostrar-lhes a vantagem de estar em nosso poder (NIETZSCHE, 2012, p. 62).

Todo o sacrifício seria feito para o nosso desejo de poder, para nos sentirmos nobres e superiores a aqueles que precisam de nossa ajuda, poderíamos dizer que compaixão é um sentimento para os pouco orgulhosos que querem uma presa fácil para mostrar-se como uma boa pessoa. Os orgulhosos não seriam compassivos por apenas ver a capacidade de riqueza no igual a ele, e não buscar ajudar a todos. Então repetimos a pergunta já feita: Será que o compassivo sempre busca a ação boa por si só? Ou será possível que haja algo por trás?

Afinal, nesse livro, o conceito de compaixão se dá como “sentimento de poder”, ou seja, um pequeno prazer de exercer influência sob um sofredor. No aforismo §14, Nietzsche escreve:

[...] Nosso amor ao próximo, não é ele uma ânsia por nova propriedade? Quando vemos alguém sofrer, aproveitamos com gosto a oportunidade que nos é oferecida para tomar posse desse alguém; é o que faz o homem compassivo, que também chama de “amor” ao desejo de nova posse que é nele avivado (NIETZSCHE, 2012, p. 64).

Assim sendo, quando se presta auxílio ao outro, ele passa a ser nosso devedor, passa a nos admirar, então, temos poder sobre ele; o ajudado passa a tornar-se de nossa posse, algo como um “humano de estimação”. Pense, por exemplo, em um cão que recebe comida de um estranho; ora, esse cão começa a admirar a pessoa que o alimenta, o segue, o protege e sempre espera receber mais da sua compaixão. Assim também é o homem. Tal auxílio, bondade e afastamento da negatividade é uma forma de controle e causa de admiração.

A compaixão seria um sentimento para os não virtuosos, aqueles que não sabem se auto afirmar, para os negadores da vida. E a vida, seria o único valor que importa para Nietzsche. Esse valor é inquestionável e toda a vida é vontade de potência, então a afirmação de si é o que faz a nobreza do nobre. Nesse sentido, o autor escreve em *Crepúsculo dos Ídolos* no capítulo “A moral como manifestação contra a natureza”, que a condenação da vida por parte de um vivente é apenas o sintoma de uma espécie de vida determinada. Para julgar a vida, seria necessário olhá-la de fora. Ora, isso não está ao nosso alcance, então não podemos julgar o valor da vida (NIETZSCHE, 2001).

À primeira vista parece que estamos diante de um paradoxo, o julgamento da vida seria impossível, e ainda assim seria o mais alto valor. Temos que observar que o maior problema não é o julgamento da vida em si, mas sim os critérios que fundam esse julgamento. Nietzsche afirma que julgar a vida e condená-la vem de uma espécie de existência miserável. Quando, porém, ele afirma que a vida tem o mais alto valor, utiliza-se de seus próprios critérios, como se afirmasse que o seu julgamento é o correto. Isso se trata também de uma crítica à filosofia pessimista. Assim, o aparente paradoxo se desfaz, visto que a afirmação do autor é contra um determinado tipo de julgamento.

Os compassivos veem os sofredores como presas para inflar seu ego, e “ajudando”, pelo viés da moral cristã, o compassivo acaba por negar a vida. O papel “não-egoísta” da compaixão se inverte: já não sofro com o sofredor, sou indiferente ao seu sofrimento, porém vejo uma possibilidade de poder.

Considerando que o compassivo quer acabar com o sofrimento, cabe notar o aforismo §338 de *Gaia Ciência*, onde é abordada a vontade de sofrimento. Como todos têm seus próprios sofrimentos, a parte profunda dele fica escondida; essa se torna inacessível e incompreensível aos outros. Ela é extremamente pessoal, desta parte só nós temos ciência. Os compassivos, quando notam o nosso “sofrimento”,



tentam diminuí-lo, como se fosse algo sem valor buscando rapidamente afastar a negatividade da vida, como observa o autor:

Na maioria dos benefícios prestados aos infelizes, há algo de revoltante na frivolidade intelectual com que o compassivo faz o papel do destino: ele nada sabe de toda a sequência de complicações interiores que a infelicidade significa para mim e para você! É esquecida a necessidade de dor que cada um de nós possui (NIETZSCHE, 2012, p. 201).

Sobre o sofrimento, é importante mencionar Schopenhauer, filósofo anterior a Nietzsche que escreveu a sua maior obra aos 30 anos, intitulada *O Mundo como Vontade e Representação*. Schopenhauer foi considerado por muitos um pessimista, e escrevia sobre o que impelia à vontade de vida, considerando “o homem um ser para a morte”. Este autor exerceu, até certo aspecto, uma decisiva influência em Nietzsche, tendo Nietzsche o admitido como “mestre”. Fato que se observa em várias de suas obras, como por exemplo, em *O Nascimento da Tragédia*, e na introdução de *Genealogia da Moral*. Neste ponto, sabemos das controvérsias entre até onde Schopenhauer influenciou Nietzsche, porém essa discussão não parece relevante ao momento. Trazemos Schopenhauer por ser um dos nomes conhecidos quando citamos dor e sofrimento como conceitos na filosofia.

Sobre a dor, Schopenhauer escreve em seu livro *O Mundo como Vontade e Representação* (Livro IV, §57):

Se chegamos a reconhecer que a dor enquanto tal é essencial e inevitável à vida, nada mais sendo que sua simples figura, e que só a forma sob a qual a dor se expõe é que depende do acaso; que portanto, o nosso sofrimento presente ocupa um lugar no qual, sem o mesmo, de imediato um sofrimento diferente entraria em cena, sendo agora impedido por aquele outro, e que, por consequência, a sorte em pouco nos afeta no essencial; - se chegarmos a reconhecer isso, uma semelhante reflexão, caso se nos torne uma convicção viva, produzirá um grau significativo de equanimidade estoica e reduzirá consideravelmente a preocupação angustiante acerca do próprio bem-estar (SCHOPENHAUER, 2015, p. 365-366).

Schopenhauer, por fim, propõe uma teoria onde cada indivíduo teria “uma parte determinada de sofrimento, que não pode esvaziar ou transbordar” (SCHOPENHAUER, 2015, p. 366). Podemos interpretar como a dor sendo algo que o homem sempre terá. Assim, não importa se algo muda, já que sempre haverá uma dor nova. Ora, isso faz parte da nossa vida, a dor nos acorda, nos faz enfrentar desafios e nos mantém como humanos, então de que adianta a compaixão? Compaixão a que preço? O que ela fará? Ela afastará uma dor que eu conheço e trará uma nova? Essa nossa preocupação não nos gera um sentimento de espanto? Desse modo, se serei sempre afetado por algum tipo de dor, então qual o sentido de fugir

dela? Quando pensamos dessa forma, poderíamos ser estoicos (como afirma Schopenhauer), já que não mandamos no destino e algo ruim sempre acontecerá, para que se importar com as dores? Há certa relação com o que Nietzsche escreve no aforismo supracitado:

O compassivo: ele quer ajudar: não conhece o infortúnio de cada um, por isso ele quer ajudar, não pensa que existe uma necessidade pessoal do infortúnio, que para mim e para você haja terrores, empobrecimentos, privações, aventuras, riscos e erros, a trilha para o céu de cada um sempre passa pela volúpia do seu próprio inferno. Não, disso ele nada sabe: a religião da compaixão (ou do coração) ordena que ajude (NIETZSCHE, 2012, p. 202).

Se acompanharmos a ideia de Schopenhauer de que sempre teremos dores, logo não deveríamos nos preocupar tanto com o fato de um sofrimento sempre entrar em cena após o outro. Ora, a ideia de Nietzsche, de que o compassivo que não liga para as dores, apenas segue a ordem de sua religião da compaixão e quer exercer a sua vontade sobre o outro, infere que a compaixão de nada serve a não ser para aplicação da vontade egoísta do compassivo, que só faz o outro ter uma nova dor, ou um alívio momentâneo. Poderíamos até pensar em Sísifo, imaginando o compassivo como um amigo que ajuda Sísifo a carregar a pedra da dor até o topo da montanha só para, em seguida, ser esmagado pela eternidade.

Afinal, a compaixão não busca conhecer o problema do próximo e sim eliminá-lo o mais rápido possível<sup>11</sup>, pois parece que, para nós, é impossível sentir a dor do outro. Assim, o altruísmo pregado pela moralidade não passa de um conto de fadas. A compaixão elimina a manifestação da vida daquele que sofre, pois como essa moral religiosa ordena que o compassivo ajude, ele faz de tudo para apagar a chance de vida do indivíduo. O seu papel não-egoísta é apenas uma máscara. Portanto, precisamos de uma fuga para a negação de si ao buscar uma nova fórmula de interpretar o sofrimento e dores que o mundo oferece.

### Considerações finais

Feito o nosso estudo, refaremos a pergunta: É possível dizer que a compaixão em Nietzsche é egoísmo disfarçado de altruísmo?<sup>12</sup>

<sup>11</sup> Aos interessados nesse tipo de discussão no pensamento contemporâneo, recomendo a leitura do filósofo coreano Byung-Chul Han, em seu livro *A Sociedade da Transparência* ele sinaliza que vivemos em uma sociedade positiva que abafa qualquer negatividade e nenhum sofrimento é enfrentado. (HAN, 2014) Portanto é possível ver uma relação com a compaixão de Nietzsche, o esquecimento do sofrimento através da compaixão carrega uma similaridade com a falta de alteridade dentro da sociedade positiva apontada por Han.

<sup>12</sup> Gostaria de salientar que fazer esta pergunta não significa afirmar que o altruísmo, de fato, existe. Nietzsche, em *Ecce Homo*, no § 5 do subtítulo, escreve: “Por que escrevo tão bons livros”? Ele, inclusive, nega a existência de ações egoístas ou altruístas, mas também temos que ter em mente que

Com base no que vimos em *Aurora*, podemos dizer que o autor admite que exista um impulso à compaixão, da mesma forma que o impulso ao egoísmo. Por outra parte, em ambos os impulsos, o autor não está preocupado com o sofrimento alheio, e, sim, com a busca de satisfação de um prazer próprio. Então, aquilo que aprendemos por compaixão, o autor dirá no aforismo 133:

A verdade é que na compaixão – refiro-me ao que, enganadoramente, costuma-se designar por compaixão – já não pensamos conscientemente em nós, mas sim de modo *fortemente inconsciente*, [...] Rechaçamos esse tipo de dor e de ofensa, e a ele respondemos com um ato de compaixão, em que pode haver uma sutil legítima defesa e mesmo vingança (NIETZSCHE, 2012, p. 96).

Portanto, nós agimos em favor a nós mesmos, de forma inconsciente e moralizamos a compaixão para que o ato seja *considerado* bom. Fato é que, em *A Gaia Ciência*, temos uma compaixão como forma de negação do outro e o compassivo como alguém que exerce sua vontade de potência no outro. Dess modo, poderíamos dizer que a compaixão aqui também é uma forma de egoísmo mascarado, pois negamos a dor e toda a negatividade da vida. Quando o compassivo vê alguém sofrendo, o toma como propriedade. Nega a dor do miserável e o mostra como é bom estar sob seus cuidados. Com isso, engrandece a sua imagem, utilizando-se da desgraça do outro.

O tema abordado até aqui poderia nos remeter à ideia de que a compaixão está entrelaçada com os conceitos de cristianismo, ascetismo e *décadence*<sup>13</sup> dentro do pensamento de Nietzsche, sendo o primeiro, o propagador da compaixão como moral através do ascetismo, tendo sua negação da vida através da promessa pela terra prometida. Alguns desses tópicos não foram abordados no nosso trabalho em vista da limitação do tema que se propôs a estudar principalmente as obras *Aurora e Gaia Ciência*, mas, enfim, se fosse possível ir mais a fundo ao abordar trabalhos como *Genealogia da Moral e Além do Bem e do Mal*, alcançaríamos esses conceitos.

Chegamos a uma possível resposta, dentro do pensamento de Nietzsche. A compaixão parece ter esse efeito decadente e foi espalhada na nossa cultura ocidental como um ato de bondade para que, com a moral, fosse, finalmente, desejada pelos “negadores da vida”. A compaixão é, portanto, uma máscara do egoísmo, pois ambos os impulsos buscam um prazer individual, porém a compaixão é moralizada.

---

*Ecce Homo* faz parte da última fase do pensamento do autor, portanto sua interpretação sobre egoísmo e altruísmo sofre mudanças.

<sup>13</sup> Apoiando-se no *Dicionário Nietzsche* definimos a *décadence* como a desagregação dos instintos como processo mórbido da cultura (MARTON, 2016), e também vemos que a compaixão é um impulso nocivo. Existe, portanto, a relevância desse conceito dentro de uma ideia maior que são os impulsos em Nietzsche

Nietzsche foi um autor que nunca se propôs a salvar o mundo ou mesmo estabelecer normativas comportamentais. No fundo, não se trata de oferecer uma resposta definitiva de como escapar da máscara moral da compaixão. Talvez seja o *sonho de um homem ridículo*<sup>14</sup> sugerir uma volta ao indivíduo, isto é, pensá-lo não como um ser racional, mas sim também como um ser sensível que pode aprender com as suas dores e com o seu egoísmo. O método para isso não pode ser determinado, pois cada “eu” é diferente, então irei me dispor apenas a dar uma recomendação: para Nietzsche existe um “eu”<sup>15</sup> que não pode ser acessível através do reino das palavras, aquele que está nos impulsos dos quais não podemos dar nome. Talvez nesses impulsos esteja a nossa resposta, pois podemos procurar na sensibilidade o que nos dá mais prazer e que aumente a nossa vontade de vida, e com isso nos abstenhamos de dar mais juízos sobre o modo de vida de cada um.

## Referências

- DOSTOIÉVSKI, F. *Duas narrativas fantásticas: A dócil e O sonho de um homem ridículo*. Tradução de Vadim Nikitin. 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- HAN, B. *A sociedade da transparência*. Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio D' Água, 2014.
- MARTON, S. *Dicionário Nietzsche*. São Paulo: Loyola, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Nietzsche, das forças cósmicas aos valores humanos*. 3. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- NIETZSCHE, F. *Aurora: reflexões sobre os preceitos morais*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.
- \_\_\_\_\_. *Crepúsculo dos ídolos, ou, como se filosofa com o martelo*. Trad. Edson Bini e Márcio Pugliesi. Curitiba: Hemus, 2001.
- \_\_\_\_\_. *Genealogia da moral: uma polêmica*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- \_\_\_\_\_. *Ecce Homo: como alguém se torna o que é*. Tradução, notas e posfácio de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- \_\_\_\_\_. *A gaia ciência*. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.
- \_\_\_\_\_. *Assim falava Zaratustra: um livro para todos e para ninguém*. Tradução Gabriel Valladão Silva. Porto Alegre: L&PM, 2015.
- OLIVEIRA, J. R. “A crítica de Nietzsche à moral da compaixão de Schopenhauer em *Aurora*: o desprezo de si como artimanha de condenação do indivíduo”, In: *Revista Voluntas: estudos sobre Schopenhauer*, 2/sem 2010, vol. 1, n. 2, p. 4-22.

<sup>14</sup> Conto que faz parte do título *Duas Narrativas Fantásticas* de Dostoiévski publicado pela Editora 34. Neste conto, a personagem sonha com um mundo utópico onde há um espírito de coletividade muito grande; não há avanços ou preocupação com a morte. Na segunda parte de seu sonho, as pessoas dessa utopia tornam-se individualistas, criam grupos, línguas diferentes e guerras. Há, ainda, a separação do indivíduo e o coletivo. O ponto que quero chegar com essa comparação é que, na minha visão, deveríamos voltar a nós mesmos e afirmar a nossa vontade de vida.

<sup>15</sup> Cf. aforismo 115 de *Aurora*.

SCHOPENHAUER, A. *O mundo como vontade e representação*. Tradução de Jair Barboza. 2. ed. São Paulo: Unesp, 2015.

Submissão: 26.06.2018 / Aceite: 22.07.2018.